

RUY CINATTI: POETA, "AGRÓNOMO E ETNÓLOGO", INSTIGADOR DE PESQUISAS EM TIMOR¹

CLÁUDIA CASTELO

Instituto de Investigação Científica Tropical
claudia.castelo@iict.pt

Neste texto, pretende-se acompanhar o processo de transformação de Ruy Cinatti de poeta-naturalista em etnólogo, instigador e facilitador de pesquisas em Timor, lançando igualmente algumas pistas para a compreensão da interligação entre Antropologia e Política no seu percurso. Trata-se de uma abordagem ao tema, preliminar e provisória, num momento em que a pesquisa arquivística ainda decorre e há muita evidência empírica por apurar, analisar e interpretar no Espólio de Ruy Cinatti, à guarda da Biblioteca Universitária João Paulo II (sobretudo) e do Museu Nacional de Etnologia.² Este texto é tributário do trabalho de maior fôlego sobre a vida e a obra de Ruy Cinatti até hoje publicado (Stilwell, 1995). Também beneficiou da consulta de documentação da Junta de Investigações do Ultramar/IICT e da leitura de uma tese de mestrado sobre processos e contextos da Antropologia de Timor (Oliveira, 2006).

UMA BIOGRAFIA ATRAVESSADA PELO APELO ULTRAMARINO

Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes nasceu em Londres em 1915 e morreu em Lisboa em 1986. É sobretudo conhecido como poeta. Formou-se em Engenharia Agronómica pelo Instituto Superior de Agronomia (ISA), de Lisboa (1943, tirocínio; 1950, apresentação do relatório final do curso), onde frequentou com aproveitamento todas as cadeiras do curso de Engenheiro Silvicultor, à exceção de hidráulica florestal.

No final do primeiro ano do curso participou no 1.º Cruzeiro de Férias às Colónias, iniciativa de *O Mundo Português: Revista de Cultura e Propaganda, de Arte e Literatura Coloniais* (editada pela Agência Geral das Colónias e pelo Secretariado de Propaganda Nacional), destinada a estudantes e professores da metrópole. Nos meses de agosto e setembro, visitou Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe e Angola. Na viagem tornou-se amigo do diretor cultural do cruzeiro e de um dos seus adjuntos, respetivamente: Marcelo Caetano (Professor de Direito da Universidade de Lisboa e, à época, comissário nacional da Mocidade Portuguesa) e Orlando Ribeiro (licenciado em Geografia e

¹ Este texto resulta da pesquisa que venho desenvolvendo desde janeiro de 2011 no âmbito do projeto *As ciências da classificação antropológica em "Timor Português"* financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (Ref.ª HC/0089/2009), dirigido por Ricardo Roque, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

² Apenas uma pequeníssima parte do rico, vasto e multifacetado Espólio de Ruy Cinatti está depositada no Museu Nacional de Etnologia e, ao invés do que terá sido a intenção de Cinatti, não incide maioritariamente sobre a sua faceta de antropólogo. O grosso do seu Espólio, nas suas inúmeras vertentes, encontra-se na Biblioteca Universitária João Paulo II, da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa).

futuro Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a partir da década de 1940); assim como de José Osório de Oliveira, que integrava o Gabinete de Imprensa e que viria a ser um grande divulgador da obra de Gilberto Freyre em Portugal. O objetivo do cruzeiro era dar a conhecer “a extensão, a importância e a riqueza das colónias visitadas e estreitar as relações culturais e económicas entre a Metrópole e o Império Ultramarino” (Anónimo, 1935: 7-8). Esta experiência, de exaltação nacionalista, de contacto com a diversidade geográfica, étnica e cultural do império português, e – não menos importante – de deslumbramento sensorial, foi decisiva na opção de Cinatti por uma carreira ultramarina.³

Enquanto estudante, Ruy Cinatti integrou a Juventude Universitária Católica (JUC), onde se tornou amigo de Carlos Krus Abecasis.⁴ A sua particular vivência do Catolicismo viria a ser um aspeto central na sua vida, no seu trabalho e na sua poesia. A sua fé religiosa estava profundamente entrelaçada com o seu ideal nacional baseado na crença numa suposta vocação universalista de Portugal.

Ruy Cinatti foi chefe de gabinete do governador de Timor, capitão Óscar Ruas (1946-1947), chefe da Repartição de Agricultura, Veterinária e Indústria Animal da Província de Timor (1951-1955) e investigador da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar (JIU) / do IICT (1957-1985). Embora tenha colaborado com a Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais (JIC) como subsidiado na metrópole (1949-1950) e como bolsheiro em Timor, desenvolvendo estudos botânicos, agronómicos e silvícolas sobre a parte portuguesa da ilha, só ingressaria na JIU, com investigador adstrito à Comissão Executiva, em 1957. Foi vogal do Conselho Cultural do Museu de Etnologia (1965-1975), vogal da JIU na Fundação Vale Flor e na Junta Nacional de Educação (Secção de Arqueologia), membro da Comissão Central Orientadora da Investigação Científica para Cabora Bassa (Etnologia e Botânica), investigador e consultor de assuntos relativos ao Sudeste Asiático, especialmente Timor, no Museu de Etnologia (a partir de 1975) e investigador auxiliar do Museu de Etnologia (1983-1985). Aposentou-se em 1985, quando atingiu o limite de idade.

Publicou os seus primeiros livros de poesia nos anos 40, atividade que continuou a desenvolver ao longo da vida. O seu trabalho científico é multidisciplinar, compreendendo estudos de botânica, flora florestal, fitogeografia, etnologia e arqueologia. Timor foi a sua paixão; paixão que o levou a desejar ter formação em Antropologia. Com uma bolsa da JIU frequentou um curso de pós-

³ Depois de regressar do 1.º Cruzeiro de Férias às Colónias, Cinatti decide que o seu futuro passa pelas províncias portuguesas de além-mar: “It is settled, I will go to Africa, to Angola, I will go to Timor, I will go to any of the distant provinces of my Portugal. Oh! What bliss it was for me to be in those lands. Those large horizons made me have a broader view of things” (Carta para Amy Christie, 28.11.1935 cit. in STILWELL, 1995: 33).

⁴ Este viria a ser subsecretário de Estado do Ultramar (1955-1958), subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino (1958-1960) e presidente da Comissão Executiva da Junta de Investigações do Ultramar (1961-1970); naqueles cargos foi um interlocutor privilegiado e “protetor” de Cinatti. Foi graças ao despacho favorável de Abecasis que Cinatti ingressou na JIU e pôde estudar Antropologia em Oxford.

graduação em Antropologia na Universidade de Oxford, obtendo o diploma em Etnologia e Antropologia Social, em 1958. O diretor do curso, E. E. Evans-Pritchard,⁵ sugeriu-lhe que devia continuar os seus estudos. Cinatti foi autorizado a fazê-lo, prosseguindo para doutoramento sob orientação de T. K. Penniman,⁶ mas nunca apresentaria a tese. Regressou a Timor, para trabalhos de campo, em 1958 (como chefe da Missão de Estudos do Habitat Nativo de Timor), e novamente de novembro de 1961 a dezembro de 1962. Em agosto de 1966 deslocou-se pela última vez à ilha para "acompanhar" e "verificar" os trabalhos da Missão Etnológica Luso-Francesa (JIU-CNRS) a Timor, dirigida por Louis Berthe (Ministério do Ultramar, 1966).

O DESPERTAR DA VOCAÇÃO ETNOLÓGICA

Jorge Dias, no prefácio a *Um cancionero para Timor*, fala do processo de transformação de Cinatti de poeta-naturalista – que se refere aos nomes dos pássaros e das árvores no conto *Ossobó* (1935) – em antropólogo (Dias, 1996: 10). Para esta transformação foi decisiva a sua passagem por Timor. Ali começou por se deslumbrar com o mundo natural, como já acontecera no cruzeiro de férias às colónias. A curiosidade, o interesse e o estudo da botânica, da agronomia e da silvicultura de Timor acabaram por aproximá-lo dos homens; a simpatia pelos timorenses fez com que os defendesse publicamente, denunciasse abusos, prepotências e arbitrariedades da administração colonial e desejasse contribuir para a melhoria das suas condições de vida. A aproximação aos timorenses está igualmente na origem da sua vontade de estudar Antropologia.

Em 1946 e 1947, Cinatti acompanha o governador, capitão Óscar Ruas, em viagens de reconhecimento por todo o território de Timor português. Além do deslumbramento imediato com a beleza das paisagens e a exuberância da vegetação, toma contacto com a destruição causada pela ocupação japonesa e o estado miserável da população. À margem das suas atribuições como chefe de gabinete do governador, Cinatti dedica-se ao estudo da botânica e deseja poder contribuir para a reconstrução de Timor nos setores da agricultura, reflorestação e proteção da natureza. "Sonha com um desenvolvimento do território que integre ética e ciência" (Stilwell, 1995: 176). A leitura do livro *A ilha verde e vermelha de Timor*, de Alberto Osório de Castro (que lhe é dado a conhecer pelo bispo de Díli, D. Jaime Garcia Goulart), é uma fonte de inspiração e ação, nomeadamente a frase: "Hoje, a obra de colonização ou é científica ou não é nada". Reúne e envia para a metrópole uma coleção de

⁵ Edward Evan Evans-Pritchard (Crowborough, East Sussex, Inglaterra, 1902 - Oxford, Inglaterra, 1973). Antropólogo britânico, fundamental para o desenvolvimento da Antropologia Social naquele país. Professor de Antropologia Social na Universidade de Oxford (1946-1970).

⁶ Thomas Kenneth Penniman (New Hampshire, EUA, 1895 - Oxford, Inglaterra, 1977). Antropólogo, Professor da Universidade de Oxford e curador do Pitt Rivers Museum (1939-1963). Penniman encarava a antropologia como uma "ciência do homem", procurando dar igual ênfase à antropologia física, à antropologia social e à arqueologia. Essa conceção, fruto do seu próprio treino em Oxford, era já considerada ultrapassada por alguns colegas aquando da publicação do seu livro *A Hundred Years of Anthropology* (1935). Nos anos 30, opôs-se aos esforços de Radcliffe-Brown's de dividir o diploma de Oxford em três qualificações separadas (Larsen e Petch, 2006: 125-139.)

60 amostras de madeiras, um herbário com 100 exemplares correspondentes e elementos necessários à classificação sistemática, análise macroscópica e utilização industrial daquelas madeiras.

Durante este primeiro período em Timor, assiste à substituição da administração militar, encarregada de restabelecer a soberania portuguesa do território, por quadros administrativos vindos de Angola os quais, geralmente, tinham um comportamento prepotente e arbitrário, revelavam falta de compreensão pela cultura dos timorenses e tomavam medidas avulsas e empíricas.

Devido ao seu voluntarismo, entra em contacto com investigadores estrangeiros, nomeadamente com E. Meijer Drees, botânico dos Serviços de Agricultura da parte holandesa da ilha, que visita Timor oriental a seu convite e com o consentimento do governador: "Sob a orientação do cientista holandês, elabora um primeiro inventário botânico" (Stilwell, 1995: 184).

Depois de um esgotamento nervoso, consegue convencer o governador a libertá-lo do trabalho burocrático do gabinete para se poder dedicar ao estudo sistemático das potencialidades agronómicas e florestais de Timor. Dá aulas de desenho no liceu de Díli e, no tempo que lhe sobra, percorre livremente e demoradamente o território, recolhendo dados necessários à elaboração da sua tese de licenciatura em Engenharia Agronómica e contactando as populações e os funcionários das circunscrições administrativas. Estas vivências dão-lhe uma visão mais matizada e diversificada do comportamento dos quadros administrativos e, sobretudo, contribuem para a descoberta dos timorenses, enquanto seres humanos como ele, indivíduos com uma identidade própria. "Comecei [...] a perceber que os timorenses eram algo mais do que simples figuras exóticas numa paisagem já de si exótica." (Entr. 1972, cit. in Stilwell, 1995: 186). A simpatia humana para com os timorenses e o prazer que retira do convívio com eles está patente, nomeadamente, nas "Páginas dum diário poético" (1948) (Stilwell, 1995: 187).

Ruy Cinatti regressa a Lisboa em finais de 1947 para apresentar a sua tese no ISA e, assim, abrir caminho a um futuro profissional estável. Timor continua no seu horizonte ou, em alternativa, Angola. Num relatório enviado à Comissão Executiva da JIC, em março de 1949, explica que "foi o convívio, mais do que qualquer preocupação intelectual de ordem intrínseca, que [o] levou a receber a lição de geografia humana, etnografia, filologia e, portanto, de solidariedade, que Timor nos oferece. Com ela, [recebeu] a força que define o defensor de uma causa amada. A simples colheita de plantas obriga a desviar a atenção para fenómenos que outras funções estão longe de valorizar. Foi assim que, sem o saber, [esteve] seguindo os métodos de uma ciência nova: a etnobotânica agronómica, que em certos países coloniais já deu provas fundamentadas de utilidade na fixação, educação, elevação do nível de vida do indígena e do europeu." (Cinatti, 1949; sublinhado meu) Requer que a JIC o envie em missão científica a Timor, mas apenas obtém um subsídio para estudos

de flora, madeiras e recursos económicos de Timor, na metrópole, como estagiário da Junta. Publica através da JIC: *Esboço histórico do sândalo no Timor português* (1950), *Explorações botânicas em Timor* (1950) e *Reconhecimento preliminar das formações florestais no Timor português* (1950); estes dois últimos com base nos materiais reunidos na sua tese de licenciatura, apresentada no Instituto Superior de Agronomia sob o título *Reconhecimento em Timor* (2 vols.).

Vai amadurecendo a sua visão de um desenvolvimento integrado do território, capaz de articular as dimensões económica, social e cultural, ao serviço do bem-estar das populações. Contra a falta de planificação da administração, mostra que a investigação científica independente pode dar respostas para resolver os problemas do território.

Na sua segunda estadia em Timor (1951-1955), mais demorada e vivida, volta a viajar pelo território, agora com responsabilidades acrescidas como chefe de Repartição de Agricultura. Esse contacto com a terra e os seus habitantes permite-lhe conhecer e compreender os modos de vida e a racionalidade das práticas agrícolas timorenses. Com base nesse conhecimento deteta os principais erros da administração colonial em Timor: excesso de empirismo e desinteresse pelas condições e realidades locais. Tenta, sem grande eco e sucesso, que a administração local siga as suas instruções no domínio da agricultura, da silvicultura e da pecuária. Pretende que a economia de Timor não seja "apenas de exploração, mas, simultaneamente de conservação e de valorização" (cit. in Stilwell, 1995: 209).

Neste período, dá continuidade à sua ocupação secundária como coletor de plantas, agora como bolsheiro da JIU. Solicita orientações a Cornelis G. G. J. van Steenis, botânico holandês, editor geral da *Flora Malesiana*, e torna-se colaborador desta obra.⁷ Envia, com regularidade, material botânico colhido em Timor para o Centro de Botânica da JIU e para o Instituto Botânico da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, bem como material zoológico, amostras de terra, exemplares geo-mineralógicos e uma coleção de corais para várias unidades de investigação da Junta.

Em 1953, a Missão Antropológica de Timor da JIU faz a sua primeira campanha no território. O chefe da missão, António de Almeida, é acompanhado por Mendes Correia, presidente da Junta.⁸ Cinatti junta-se aos dois cientistas percorrendo todo o território. Renasce dentro de si a vontade de ingressar na Junta para se poder dedicar inteiramente à investigação científica. Porém, as condições que lhe são oferecidas, na situação de investigador *full-time* em história natural, não lhe dão garantias de futuro e Cinatti acaba por travar o processo. A excursão pelo interior do território desperta-lhe o interesse pela pré-história de Timor. As pesquisas então empreendidas deveriam ser

⁷ Veja-se a correspondência contida em Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio de Ruy Cinatti, Pasta Cartas Enviadas e Outras, Capa Correspondência com Van Steenis (1952-1954).

⁸ António de Almeida e Mendes Correia eram deputados à Assembleia Nacional e estavam em sintonia político-ideológica com o Estado Novo e com o sistema colonial português. Sobre as contribuições daqueles investigadores para a Antropologia de Timor e a sua convicção numa suposta missão civilizadora de Portugal na ilha, ver Schouten, 2001: 162-167.

divulgadas no Congresso nas Filipinas, numa comunicação assinadas pelos três. A falta de preparação de António de Almeida e de Mendes Correia deixa Cinatti envergonhado. As afirmações posteriores de António de Almeida ao *Diário Popular* confirmam as suas suspeitas de que a investigação científica em Portugal estava subordinada à conveniência política (Stilwell, 1995: 220).

Em 1954, o Engenheiro-Agrônomo Hélder Lains e Silva visita Timor no âmbito de uma missão científica da Junta de Exportação do Café, tendo contado com a companhia, conhecimentos e “lições de timorismo” de Cinatti (Silva, 1956: XIII). As propostas concretas e fundamentadas de Lains e Silva para o cultivo do café em Timor vão a par da visão de Cinatti, mas não são acolhidas pelo governador, capitão Serpa Rosa. O convívio com Lains e Silva leva Cinatti a valorizar a sua classe profissional e a aperceber-se que, como agrônomo, pode contribuir para a melhoria das condições de vida dos timorenses. O seu “amor pela terra e pelas árvores só se justifica na medida em que o bem-estar do nativo for a preocupação dominante do [seu] espírito.” (Carta 24.5.1955, cit. in Stilwell, 1995: 228). No livro *Timor e a cultura do café*, Lains e Silva refere que, à exceção do seu amigo e colega⁹ e de Simões Martinho, “todos [os escritores] acusam os Timores de madraços, de bêbados, de jogadores” (Silva, 1956: 6). No manifesto “Em defesa dos Timorenses” (1956), Cinatti combate preconceitos amplamente difundidos sobre a preguiça dos timorenses, o seu desinteresse por qualquer esforço a que não sejam obrigados.

Ruy Cinatti foca a sua atenção no ambiente humano de Timor: “como o afecto e compreensão que lhe merecem homens da sua ou de outra raça, mais ou menos civilizados” (Cinatti, 1956). Alerta várias vezes a administração colonial, tanto em Timor como em Lisboa, para a necessidade de adequar os procedimentos político-administrativos às tradições e mentalidade dos timorenses. A administração de Timor não segue os seus conselhos, embora Cinatti conte com importantes aliados no Ministério do Ultramar. O subsecretário de Estado do Ultramar, Carlos Krus Abecasis, irá visitar oficialmente Timor em 1956, devido às informações graves sobre abusos e injustiças sociais praticados pelos funcionários administrativos e pelos proprietários fundiários, que lhe foram transmitidas pelo seu amigo de longa data, e deixará instruções ao governador no sentido de uma moralização da administração colonial local. Entre as medidas determinadas por Abecasis destaca-se o fim dos castigos corporais para compelir os indígenas ao trabalho. Não obstante, a metrópole fica muito longe e o governo de Timor acaba por ignorar aquelas orientações.

Em 1955, o governo de Díli declara que os homens timorenses não podem usar a *lipa* (um pano tradicional usado à volta da cintura), argumentando que era atentatório da dignidade do sexo masculino. Cinatti envia um violento protesto para o governo de Lisboa, afirmando que tal proibição denota prepotência e desrespeito pelas tradições timorenses, além de ser um erro político de

⁹ *Timoriana* (Inédito), Díli, 1952-1955. Não encontrei nenhuma outra referência a esta obra, citada por Lains e Silva na bibliografia de *Timor e a cultura do café* (1954).

consequências imprevisíveis. Escreve também a Gilberto Freyre, denunciando a situação. Em 1957 falam pessoalmente em Lisboa sobre aquele e outros "factos significativos", que atestam que os governantes de Timor se têm desviado "da tradicional política portuguesa de assimilação".

"Desses factos, o que mais me impressionou, [...] foi o de ter, nos últimos anos, a administração portuguesa em Timor criado embaraços aos tecidos feitos em casa pelos indígenas daquela ilha e aos estilos de traje por eles adoptados, conforme velhas tradições que se conformam com as condições de clima da região, por entender a mesma administração que tais tecidos e estilos, de um evidente interesse artístico, além do higiénico, devem ser substituídos pelos europeus [...]. Exactamente o contrário da atitude ou da orientação que devia estar a ser, ou vir a ser, seguida pelos homens do governo português de Timor, se fossem homens esclarecidos pelo estudo antropológico e sociológico do assunto. Mais: se fossem homens de governo mais penetrados do conhecimento das tradições portuguesas de administração de terras e populações tropicais." (Freyre, 1961: 193-194)

Ruy Cinatti e Gilberto Freyre haviam-se conhecido em Lisboa em agosto de 1951, antes do poeta regressar a Timor em setembro. O sociólogo brasileiro afirma que Cinatti "chega a ser, na sua ciência, um voluptuoso das plantas e das cores e aromas dos trópicos. Não conheço hoje português algum que seja, mais do que ele, um tropicalista. Tropicalista pela sua especialidade de botânico e pelo amor com que estuda a natureza tropical" (Freyre, [1954]: 34). Cinatti considera-se a si próprio "o discípulo da última fila" do mestre de Apipucos (Cinatti, 1952) e acolhe entusiasticamente o luso-tropicalismo, que considera ser a verdadeira e tradicional adesão humana dos portugueses aos valores tropicais (Cinatti, 1987: 15). Encara as ameaças à cultura timorense como desvios à tradição portuguesa, contrária a qualquer tipo de discriminação racial.

Com vontade de aprender arqueologia e antropologia, Cinatti estabelece contactos com professores universitários australianos e norte-americanos, pedindo-lhes sugestões de bibliografia e um programa de estudos. Projeta escrever um ensaio sobre a pré-história de Timor. Os seus esforços merecem a aprovação e encorajamento de professores de Antropologia e Sociologia da Universidade de Sydney, nomeadamente do Professor A. P. Elkin,¹⁰ que estudava o problema das relações sociais entre os povos do Sudoeste do Pacífico.

¹⁰ Adolphus Peter Elkin (1891-1979). Antropólogo australiano, responsável pelo departamento de Antropologia da Universidade de Sydney, a partir de 1934. Fez a tese de doutoramento no University College, de Londres, sobre mito e ritual aborígine (1927). Em 1933 tornou-se presidente da Association for the Protection of Native Races, um organismo que trabalhava em prol da melhoria das condições de vida dos aborígenes, mantendo-se no cargo até 1962. Foi também membro do Aborigines Protection Board criado pelo governo de New South Wales em 1939 e seu vice-presidente entre 1941 e 1968. Disponível em <http://sydney.edu.au/arms/archives/elkinbio.shtml> (Último acesso em 9.5.2011).

No regresso a Lisboa, Cinatti está decidido a estudar Antropologia Social e Cultural com o intuito de colocá-la ao serviço do bem-estar dos timorenses.¹¹ Nesse sentido, requer ao ministro do Ultramar permissão para integrar a JIU como investigador e frequentar um curso de Antropologia em Inglaterra. A seguir, pretende que lhe seja permitido voltar a Timor, entre outras razões porque se sente "ligado e obrigado a Timor por uma dívida de gratidão que estava ainda por saldar." (Cinatti, 1956) O despacho que autoriza a sua contratação e a concessão da bolsa é do subsecretário de Estado do Ultramar, Carlos Krus Abecasis.

A FORMAÇÃO EM OXFORD E AS (DES)ILUSÕES COM A ANTROPOLOGIA APLICADA

Em outubro de 1957, Ruy Cinatti ingressa no University College da Universidade de Londres, para obter o grau de B.A. ou B.Sc. em Antropologia Cultural e Social. Tendo em conta que já possuía uma licenciatura, acaba por ser aconselhado pelo Professor Daryll Forde, diretor do departamento, a mudar-se para a Universidade de Oxford, onde podia obter o "Academic Diploma in Anthropology", destinado exclusivamente a estudantes pós-graduados (Cinatti, 1960: 1). Assim, quinze dias depois, Cinatti está inscrito em Oxford. Conclui o curso, dirigido pelo Professor E. E. Evans-Pritchard, em junho de 1958, tendo tido como tutor o Professor J. F. Peristiany.

Evans-Pritchard aconselha Cinatti a prosseguir os seus estudos em Oxford (grau de B.Litt.). Numa carta que envia ao subsecretário de Estado do Ultramar português, abordando o assunto, o antropólogo britânico sugere que Cinatti deve visitar Timor naquele verão. A presidência da Comissão Executiva da JIU concorda, depois de receber informações favoráveis do diretor do Centro de Estudos Políticos e Sociais e do diretor do Centro de Estudos de Etnologia do Ultramar, respetivamente Adriano Moreira e António de Almeida.

Em setembro de 1958, Cinatti desloca-se a Timor como chefe da Missão de Estudo do Habitat Nativo de Timor, criada por iniciativa de Carlos Krus Abecasis, que já o havia enviado à conferência internacional sobre Habitação e Urbanização ao Sul do Saara (Londres, dezembro 1957). A Missão integra dois arquitetos, Leopoldo de Almeida e Sousa Mendes.

Em finais de 1958, novamente em Oxford, Cinatti inicia o seu novo ciclo de estudos, sob orientação do Professor T. K. Penniman, diretor do Pitt Rivers Museum. Em 1959 é aconselhado por aquele a passar para doutoramento. A sua tese é inscrita sob o título "The Ecology, History and Material Culture of Portuguese Timor, with special reference to the Native Habitat". Como explica ao presidente da Comissão Executiva da JIU, "a vastidão dos assuntos tratados na [sua] tese" exigiu "novas leituras" e "muitas discussões" com o seu tutor. A redação da dissertação avança devagar porque considera "pouco científica a apresentação de trabalhos feitos sobre o joelho". Acresce que

¹¹ Como mais tarde refere: "Eu vinha de Timor, muito interessado em estudar Antropologia para dela fazer um instrumento que me permitisse intervir diretamente na ordem prática, no chamado 'welfare' das minhas gentes de Timor, na sua valorização como seres humanos meus irmãos." (Cinatti, 1963)

“a vida cultural em Oxford é intensíssima e são os [seus] próprios professores os primeiros a [instigá-lo] para que dela não perca qualquer aspecto que [lhe] interesse.” Finalmente salienta que tem convivido com “estudantes de todas as raças e ideologias, mas principalmente de origem africana e asiática, [que] se preparam para movimentar a opinião pública dos seus países, uma vez terminados os seus cursos”. Vê nesse convívio a “parte prática do [seu] curso”, utilíssima “na medida em que os [seus] superiores souberem, em futuro próximo, canalizar o conhecimento adquirido e vivido.” (Cinatti, 1960: 4-6).

A partir do início da guerra colonial em Angola empenha-se na defesa da posição portuguesa tanto nos contactos informais com a comunidade académica de Oxford como em iniciativas formais, nomeadamente em palestras para os Clubes Liberal e Trabalhista da Universidade (veja-se Cinatti, 1961a). Não o faz sem alguma ambivalência, pois, como português, sente-se no dever de contestar “a campanha desencadeada contra Portugal”, mas tem consciência das “razões” que assistem aos detratores do colonialismo luso (Cinatti, 1961b).

Em novembro de 1961 regressa a Timor para fazer investigação para a sua tese de doutoramento. Ainda pouco se sabe sobre em que consistiu e como e onde decorreu o seu trabalho de campo. Tudo indica que os seus interesses se centram cada vez mais nos “estudos de pré-história e de arqueologia [...] por estarem compreendidos no estudo da evolução cultural da região” ([Cinatti], 1965). Em janeiro de 1962 “descobre” três sítios de pinturas rupestres de alto valor arqueológico no contexto do Sudeste Asiático. Para essa “descoberta” contribuiu decisivamente o facto de ter sido convidado a fazer um pacto de sangue com um dos líderes da região, o que imediatamente lhe abriu “portas ciosamente fechada a estranhos: aqueles sítios eram locais de adoração gentílica de grupos genealógicos” (Cinatti, 1975). Escreve ao ministro do Ultramar, Adriano Moreira, dando conta do sucedido, pedindo para que seja enviado para Timor o operador de cinema Salvador Fernandes, e requerendo permissão da JIU para prolongar a sua estadia. Conclui o telegrama, dizendo: “Estou feliz” (Cinatti, 1962).

Mais tarde nesse ano, em resposta ao seu amigo Jorge de Sena, Cinatti explica que não poderia aceitar um lugar de professor de Agronomia numa universidade brasileira porque “morreria de vergonha se abandonasse o seu país num momento em que todos estão contra Portugal.” Acredita que poderá ser útil nos domínios científico e social em Timor, onde já é irmão, por pacto de sangue, de muitos timorenses (Carta de 13.10.1962, cit. in Stilwell, 1995: 303).

Durante a sua permanência na ilha, denuncia às autoridades metropolitanas os abusos praticados por portugueses naturais da metrópole em termos de delapidação do património histórico timorense; anos antes, em 1955, havia denunciado a destruição do património natural (o abate dos gondões da baía de Díli ou a abertura de picadas em zonas de relevo acidentado para o plantio dos cafeeiros, expondo o terreno aos efeitos desastrosos da erosão).

Nos anos seguintes vai sendo solicitado pelo governo de Lisboa para funções de “antropólogo aplicado”, nomeadamente em Angola e Moçambique; e a escrita da tese vai ficando comprometida (Cinatti, 1963). Consegue, até outubro de 1969, sucessivos adiamentos do prazo de entrega e, depois disso, a garantia que se poderá reinscrever quando a tese estiver pronta.¹² Para a tolerância inaudita com que o seu caso foi tratado pela Universidade de Oxford poderá ter contribuído a simpatia de Evans-Pritchard por Cinatti e eventualmente uma doação do governo português para o fundo de pesquisa antropológica em África.¹³

Em 1964 faz um périplo por museus e instituições científicas da Europa, passa pela Suíça, Holanda, Inglaterra e França. Em Paris encontra-se com Louis Berthe, investigador do Centre National de Recherche Scientifique, que já fizera pesquisas etnológicas, musicológicas e linguísticas junto dos Buna, tanto do lado indonésio como do lado português da fronteira de Timor, em 1958-1959. Incentiva-o a prosseguir e aprofundar as suas pesquisas no Timor português e aconselha-o a contactar a JIU para obter autorização e apoio para o efeito (Berthe, 1965). Esse contacto dá origem à criação da Missão Etnológica do CNRS a Timor (também conhecida por missão conjunta luso-francesa JIU-CNRS), financiada pelas duas instituições e composta por Louis Berthe e a sua mulher Claudine Friedberg Berthe, Henri Campagnolo e a sua mulher Maria Olímpia Lameiras Campagnolo, e Brigitte Clamagirand. Cinatti e a JIU desejavam que a equipa integrasse pelo menos (mais) um investigador português.¹⁴ Tal nunca veio a suceder porque não havia ninguém com formação, apetência e/ou disponibilidade nos organismos da Junta. A Missão esteve no terreno entre abril e novembro de 1966. Apesar de desentendimentos entre Cinatti e Berthe relativamente às regiões de Timor atribuídas a cada investigador, Cinatti sempre reconheceu a excelência do trabalho daquela Missão (Cinatti, 1966a; 1966b). E, por seu turno, aquando das conversações entre o CNRS e a JIU para uma segunda missão (1969-70), agora chefiada por Claudine Friedberg (viúva de Louis Berthe, falecido em janeiro de 1968), os membros da equipa mostram-se muito agradecidos a Ruy Cinatti “qui nous transmettant son amour pour Timor fut l’instigateur de notre équipée scientifique sur cette île et nous a toujours soutenus dans nos recherche” (Friedberg et al., 1969).

Pela leitura da correspondência enviada e recebida por Ruy Cinatti, conservada no seu espólio, é possível verificar que, por um lado, o “agrônomo e etnólogo” (como passa a assinar depois de

¹² Cf., nomeadamente, Cinatti, 1970 e Penniman, 1970.

¹³ Em carta para Zé, [José Cutileiro], de 12.11.1963, Cinatti afirma: “O Evans-Pritchard, já então em completa dissensão e todo voltado para a História (leia o seu ensaio “Anthropology and History”), apreciou-me, sobretudo, pelo calor humano que eu dava às minhas afirmações” (Cinatti, 1963). Numa carta que envia a Cinatti, em 29.12.1964, Evans-Pritchard pede-lhe para tentar obter uma doação do governo português para o seu fundo de pesquisa antropológica em África (Evans-Pritchard, 1964). David Hicks, numa carta para Ruy Cinatti, de 28.5.1965, refere: “When I was in Oxford E-P. was in mighty good health and humour, and of course, asked after you – one of the reasons he was so pleased was that “his” scholarship fund is getting bigger and better” (Hicks, 1965).

¹⁴ Maria Campagnolo, de nacionalidade portuguesa, estava radicada em França.

terminar o curso em Oxford) estabelece contactos para “abrir” Timor português a pesquisas etnográficas sérias e rigorosas levadas a cabo por investigadores estrangeiros; e, por outro lado, sempre que é procurado por investigadores estrangeiros interessados em desenvolver pesquisas na parte portuguesa da ilha (David Hicks, James J. Fox, Shepard Forman, Elizabeth Traube, Toby F. Lazarowitz, etc.), acolhe e encaminha favoravelmente as suas propostas junto da JIU. Acresce que no âmbito das suas competências, também é solicitado a dar parecer sobre pedidos de missões e visitas de estudo de estrangeiros, dirigidos diretamente à Junta.

O papel que desempenha década de 1960 adentro, ora como instigador, ora como facilitador de pesquisas de estrangeiros em Timor, resultou da conjugação de três fatores. 1.º Cinatti era muito crítico relativamente aos métodos de trabalho de António de Almeida; punha inclusivamente em causa a seriedade e rigor científico do chefe da Missão Antropológica de Timor.¹⁵ 2.º Não havia em Portugal investigadores com formação adequada e disponíveis para desenvolver estudos antropológicos na parte portuguesa da ilha. Jorge Dias, que Cinatti muito respeitava, já não tinha idade nem disponibilidade para fazer trabalho de campo em Timor; e a equipa que dirigia, no Centro de Estudos de Antropologia Cultural e no Museu de Etnologia, era uma equipa envelhecida e com outros interesses. Cinatti punha grandes expectativas em Miguel da Fonseca Ramos, mas para desenvolver estudos arqueológicos em Timor. 3.º O próprio Cinatti não se sentia apto ou em condições de fazer uma boa etnografia de um dos povos de Timor.

Com uma ironia corrosiva, dirigida muito provavelmente a António de Almeida (embora a ausência de trabalho de campo em profundidade também seja uma crítica que se aplica ao próprio Cinatti), escreve mais tarde num texto que permanece inédito:

“em antropologia o melhor é estar calado quando se não operou trabalho de campo, barraca de campanha, etc., isto em profundidade e, quando não, ao menos tempo para umas perguntas sábias dirigidas ao que pode provocar sensação nos auditores ou leitores – ovo na vagina no *slide*, perante etnógrafos salivados ao canto da boca, ou mensurações, também com slides, dos sexos macho e fêmea, com menção de *coitus interruptus*, perante os velhotes de qualquer academia das ciências, sobretudo com tradições – Para esta metodologia só um manguito [...]” (Cinatti, 1972)

VISÕES SOBRE A OBRA ETNOLÓGICA DE CINATTI

Em 1981, no âmbito do processo de reclassificação dos investigadores da antiga Junta de Investigações do Ultramar, Ruy Cinatti é proposto para a categoria de investigador auxiliar, letra C (Guerreiro, 1981). Contesta formalmente esta classificação. Começa por discordar de a

¹⁵ Ver, por exemplo, Cinatti, 1966c, a propósito dos estudos de pré-história e arqueologia de D. John Mulvaney e Ian C. Glover em Timor. Nesse documento, Cinatti acusa A. Almeida de falta de lisura e rigor científico, evocando situações que remontam a 1954.

reclassificação dos investigadores ter sido acometida a vários júris, adstritos a uma disciplina ou a um reduzido grupo de disciplinas afins; os diferentes critérios de apreciação adotados por cada júri; e a ausência de uma visão integradora, interdisciplinar. Depois, põe em causa ter sido reclassificado por um júri da área da Antropologia Cultural, Socioeconomia e Geopolítica, argumentando: “[...] a área abrangida pela História – onde a Antropologia Cultural deveria ter sido incluída por inerente doutrina – é muito mais ampla e polivalente do que a área abrangida pela ciência económica, mesmo socialmente considerada, e pela geopolítica. O que é confirmado por [Frederic William] Maitland [1850-1906] ao escrever: ‘que a Antropologia tem de escolher entre ser História ou coisa nenhuma’, opinião em parte seguida por Lévi-Strauss e Evans Pritchard: ‘(...) as duas disciplinas são indissociáveis.’” (Cinatti, 1983) Cinatti lembra que o seu *curriculum* é “de natureza plurivalente”, distribuindo-se “por assuntos interdisciplinares: Botânica (Fitogeografia), Agronomia e Silvicultura, Pré-História e História, Etnologia e, *last but not least*, a própria Poesia fundamentada no conhecimento ecológico e etnológico.” (Idem) No entanto, o parecer restringe a sua obra à componente etnológica e antropológica, “não tomando em conta outros trabalhos relevantes de investigação, ou mesmo trabalhos técnicos, adstritos às demais disciplinas” a que se dedicou. (Idem)

O relator do parecer considera que a obra etnológica de Cinatti é produzida a partir de 1963, tendo como terreno de pesquisa Timor e objeto de estudo aspetos da cultura timorense: as origens; os modos de vida; o povoamento e a habitação; a estrutura social em mudança; os motivos artísticos e a sua integração na cultura; e a índole dos timorenses (Guerreiro, 1981). Quanto à metodologia destaca:

estágio prolongado, convívio íntimo que chega à irmandade de sangue, observação paciente e arguta, reflexão crítica que distingue, arruma, classifica, conclui. O trabalho que realiza é rigorosamente científico: com conhecimento das teorias antropológicas, de monografias fundamentais, arriscando pouco ou não arriscando conjecturas audaciosas que ultrapassem razoáveis níveis de credulidade. (Idem)

Manuel Viegas Guerreiro lamenta que Cinatti não se tenha dedicado a “um trabalho monográfico de fundo” (Idem). David Hicks alinha pelo mesmo diapasão: falta detalhe à sua obra etnográfica, não se foca em profundidade numa região ou grupo étnico; não fornece dados precisos sobre os locais e contextos de recolha da informação etnográfica que apresenta; é, antes, “uma obra extensiva, no sentido em que abraça a etnografia de vários grupos étnicos”.¹⁶ Cinatti terá confidenciado a David Hicks que teria adorado fazer trabalho de campo em Timor, mas que nunca recebera treino adequado em Oxford; reconhecia, no entanto, que podia ser culpa sua (Idem). O antropólogo britânico julga que faltava a Cinatti a disciplina para uma pesquisa etnográfica prolongada e focada

¹⁶ “Cinatti’s own ethnographic work isn’t detailed at all. It is really superficial, but it’s extensive in the sense that it embraces ethnography from many ethnic groups.” (Hicks, 2011, sublinhado meu).

no terreno. Além disso, não era um homem robusto, tinha sempre queixas de saúde (Idem). A idade também não ajudaria; iniciou o doutoramento com 44 anos.

Quanto ao impacto da sua visão poética na sua produção científica, as opiniões dividem-se. Viegas Guerreiro sublinha que o seu “fundo místico” lhe permite transcender “a pura aparência dos fenómenos para os entender mais profundamente”; facto “evidente no domínio da interpretação dos mitos, dos rituais. [...] Sua Antropologia é principalmente religiosa e aqui abre amplas perspectivas para o entendimento do timorense, como do homem de sempre em qualquer lugar e tempo.” (Guerreiro, 1981) Outros antropólogos, porém, terão considerado que à sua informação etnográfica faltava credibilidade por ele ser antes de mais um poeta.¹⁷

Ruy Cinatti chegou à Antropologia pela sua capacidade de amar e respeitar a natureza e os homens e compreender a relação entre ambos. Acreditava numa ciência antropológica aplicada independente das conveniências políticas. A função do antropólogo devia ser esclarecer os políticos, para que estes não fizessem asneiras (cf. Cinatti, 1963). Teve acesso privilegiado ao Ministério do Ultramar – por via da sua rede de sociabilidade informal – e empenhou-se em influenciar, num sentido humanista, a prática político-administrativa no seio do império. Por esta razão, mas também por temperamento dispersivo, nunca realizou pesquisa etnográfica intensiva nem chegou a concluir a sua tese de doutoramento. Apesar de escassa e com algumas limitações, a sua obra continua a ser de leitura obrigatória para quem se queira iniciar na etnografia timorense.

Foi, na segunda metade dos anos 60 e inícios dos anos 70, sobretudo um instigador e facilitador de pesquisas etnográficas sérias e rigorosas em Timor Português, empreendidas por estrangeiros. Não havendo antropólogo português disponível e a quem se reconhecesse competência para o efeito, teve o mérito de motivar, acarinhar e abrir caminho (junto do governo português) a vários investigadores de outras nacionalidades interessados no estudo do território.

Referências

Fontes manuscritas e orais

BERTHE, Louis (1965). Carta de Louis Berthe para Carlos Krus Abecasis, presidente da JIU, Paris, 1.5.1965, fl. 1.

Arquivo IICT, Proc. n.º 139-CW, Missão Etnológica do Centre National de Recherche Scientifique a Timor, doc. 1.

¹⁷ David Hicks recorda que quando submeteu o seu artigo sobre o ritual de Bé-Malai ao *Journal of the Royal Anthropological Institute*, um dos referees comentou que “Cinatti was a poet, in other words, his ethnographic data lacked the credibility of an authentic ethnographer”. Hicks, por seu turno, ressalva: “you can be a poet and also produce ethnographic that should not be necessarily dismissed because of the poetry. If Cinatti had organized the copious data he had collected from all over *Timor português* in a more systematic way, perhaps focusing on one region or one ethnic group, and certainly being clear to which region or group his data applied, this kind of criticism would be diluted.” (Hicks, 2011)

- CINATTI, Ruy (1949), *De Timor*. Lisboa: [s.n.], 1949. 51, [12] f. Relatório apresentado à Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais. Acessível no CDI-IICT (CACSL-4626).
- CINATTI, Ruy (1952). Carta de Ruy Cinatti para Gilberto Freyre, Timor, 31.1.1952. Fundação Gilberto Freyre, Arquivo Documental Gilberto Freyre, Correspondência de portugueses para Gilberto Freyre.
- CINATTI, Ruy (1956). Requerimento enviado por Ruy Cinatti ao ministro do Ultramar, em 29.10.1956. Arquivo IICT, Proc. n.º 273,
- CINATTI, Ruy (1960). Carta de Ruy Cinatti para o Professor Doutor Carrington da Costa, presidente da Comissão Executiva da Junta de Investigações do Ultramar, Oxford, 9.2.1960, Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio de Ruy Cinatti, Pasta OX/, Capa Correspondência 1958-1961.
- CINATTI, Ruy (1961a). Carta de Ruy Cinatti para Franz, Oxford, 8.6.1961. Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio de Ruy Cinatti, Pasta OX/, Capa Correspondência 1958-1961.
- CINATTI, Ruy (1961b). Carta de Ruy Cinatti para Carlos [Kruz Abecasis], Oxford, 11.6.1961. Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio de Ruy Cinatti, Pasta OX/, Capa Correspondência 1958-1961.
- CINATTI, Ruy (1962). Cópia de telegrama enviado por Ruy Cinatti para o Professor Adriano Moreira, ministro do Ultramar, recebido a 12.2.1962. Arquivo IICT, Processo n.º 273, Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes, 1º volume (1949-1962).
- CINATTI, Ruy (1963). Carta de Ruy Cinatti para Zé [José Cutileiro], [Lisboa], 12.11.1963. Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio de Ruy Cinatti, Pasta CR/RC/Pessoais, Oficiais, Capa CP/1963.
- [CINATTI, Ruy] (1965), Rascunho manuscrito de "Memorial", [1965], Bibl. Univ. João Paulo II, Espólio Ruy Cinatti, Pasta CR/RC/Pessoais, Oficiais, Capa CP/Sem datas.
- CINATTI, Ruy (1966a). Informação de Ruy Cinatti para a Comissão Executiva da JIU, Lisboa, 13.12.1966, 12 p., Arquivo IICT, Proc. Nº 139-CW, Missão Etnológica do Centre National de Recherche Scientifique a Timor, doc. 43.
- CINATTI, Ruy (1966b). Informação de Ruy Cinatti para a CE da JIU, Lisboa, 19.3.1966, 5 p. Arquivo IICT, Proc. n.º 139-CW, Missão Etnológica do Centre National de Recherche Scientifique a Timor, doc. 56.
- CINATTI, Ruy (1966c). Informação de Ruy Cinatti para a CE da JIU, Lisboa, 15.11.1966. Arquivo IICT, Proc. n.º 139-DA, Exploração arqueológica em Timor pela Universidade Nacional Australiana (1966).
- CINATTI, Ruy (1970). Carta de Zé [José Cutileiro] para Ruy [Cinatti], Oxford, 7.2.1970. Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio de Ruy Cinatti, Pasta CR/70+, Capa CR/70.
- CINATTI, Ruy (1972). *Itinerário angolano*, Lisboa, 1972, fl. 160-161. Datilografado inédito. Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio de Ruy Cinatti, Pasta Angola.
- CINATTI, Ruy (1975). Carta de Ruy Cinatti para a Comissão de Gestão da JICU, 24.7.1975. Arquivo IICT, Proc. n.º 273, Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes, 5.º vol., doc. 463.
- CINATTI, Ruy (1983). Requerimento de Ruy Cinatti dirigido ao ministro da Educação e das Universidades, a propósito da sua reclassificação, datada de 24.2.1983, fl. 2. Arquivo IICT, Proc. n.º 273, Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes, 5.º vol.

- EVANS-PRITCHARD, E. (1964). Carta de Evans-Pritchard para Ruy Cinatti 29.12.1964, Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio de Ruy Cinatti, Pasta Cartas Enviadas e Outras, Capa CC – Cartas de pessoas célebres (1944-64).
- FRIEDBERG, Claudine et al. [1969]. "Mission Franco-Portugaise Multidisciplinaire a Timor", Arquivo IICT, Proc. n.º 139-CW, Missão Etnológica do Centre National de Recherche Scientifique a Timor, doc. 59.
- GUERREIRO, Manuel Viegas (1981). Certidão do "Parecer sobre a obra etnológica e antropológica de Rui Cinatti", elaborado por Manuel Viegas Guerreiro, datado de Paço de Arcos, 18 de abril de 1981. Arquivo IICT, Proc. n.º 273, Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes, 5.º vol.
- HICKS, David (1965). Carta de David Hicks para Ruy Cinatti 28.5.1965. Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio Ruy Cinatti, Pasta CR/1947-1986, Capa CR (Conjuntos) 1957-1983.
- HICKS, David (2011). Depoimento do Professor David Hicks sobre Ruy Cinatti, concedido a Cláudia Castelo, Lisboa, 28 de junho de 2011.
- MINISTÉRIO DO ULTRAMAR. PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DA JUNTA DE INVESTIGAÇÕES DO ULTRAMAR (1966), Cópia do telegrama para o Governador de Timor, Lisboa, 27.7.1966. Arquivo IICT, Processo n.º 139-CW, Missão Etnológica do Centre National de Recherche Scientifique a Timor, doc. 27.
- PENNIMAN, T. K. (1970). Carta de T. K. Penniman para Ruy Cinatti, St. Andrew's Hospital Northampton, 24.6.1970. Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio de Ruy Cinatti, Pasta CR/70+, Capa CR/70.

Estudos e fontes impressas

- ANÓNIMO (1935), *Roteiro do 1º Cruzeiro de Férias às Colónias de Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe e Angola: iniciativa do «Mundo Português» 1935*, Lisboa: [Sociedade Industrial de Tipografia Lda.].
- CINATTI, Ruy (1987), *Motivos artísticos timorenses e a sua integração*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical/Museu de Etnologia.
- CINATTI, Ruy (1996), *Um Cancioneiro para Timor*, Lisboa: Presença.
- CINATTI, Ruy, ALMEIDA, Leopoldo de, MENDES, Sousa (1987), *Arquitectura timorense*, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical/Museu de Etnologia.
- DIAS, Jorge (1996), "Prefácio", in Ruy Cinatti, *Um cancionero para Timor*, Lisboa: Presença, pp. 9-11.
- FREYRE, Gilberto [1954], *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de carácter e de acção*, Lisboa: Livros do Brasil.
- FREYRE, Gilberto (1961). *O luso e o trópico*, Lisboa: Comissão das Comemorações do V Centenário do Infante D. Henrique.
- LARSEN, Frances e PETCH, Alison Petch (2006), "'Hoping for the best, expecting the worst': T. K. Penniman – Forgotten curator of the Pitt Rivers Museum", *Journal of Museum Ethnography*, 18: 125-139. Disponível em http://history.prm.ox.ac.uk/papers_hoping_for_the_best.html (Último acesso em 9.9.2011)
- OLIVEIRA, Alexandre (2006), *Olhares sobre Timor [Texto policopiado]: contextos e processos da antropologia de Timor*, Lisboa: Tese de mestrado em Antropologia: Patrimónios e Identidades, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa-ISCTE.
- SCHOUTEN, Maria Johanna (2001), "Antropologia e colonialismo em Timor português", *Lusotopie*: 157-171. Disponível em <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/schouten.pdf> (Último acesso em 10.5.2011)

STILWELL, Peter (1995), *A condição humana em Ruy Cinatti*, Lisboa: Presença.